RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Renata Mambrim Purcineli [1], Ana Lucia Gomes de Sousa Miquelino [2], Ana Claudia Amancio [3], Maurina Pereira [4], Cinayana Silva Correia [5], Vania Maria de Oliveira Vieira [6]

Universidade de Uberaba, [1]mapur@uol.com.br, [2] analuciamiquelino@gmail.com, [3]amancio.uniube@gmail.com, [4] maurinapereira123@hotmail.com, [5] cinayana.correia@uniube.br, [6] vaniacamila@uol.com.br

Linha de trabalho: Formação inicial de professores.

Resumo: O presente relato tem como objetivo apresentar as atividades realizadas no subprojeto "Formação de professores: trabalhando a diversidade na escola", que faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade de Uberaba. O programa age de forma decisiva na formação dos licenciandos em Pedagogia da UNIUBE, possibilitando refletir sobre a prática em sala de aula, especialmente, sobre a diversidade. A partir do planejamento de atividades com o uso de diferentes linguagens advindas das artes visuais, da música, do cinema, da cultura, da corporeidade, da linguagem verbal e não verbal.

Palavras-chave: Diversidade, formação de professores, PIBID, planejamento.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no qual participamos como bolsistas graduandas do curso de Pedagogia da Universidade de Uberaba transcende o aprendizado comum da docência e nos faz pensar sobre questões educacionais intrínsecas, colaborando de forma decisiva para a boa formação de um professor. Muito se questiona se o país está formando bons profissionais em revistas e jornais especializados ou mesmo na grande imprensa. Vemos o PIBID como uma chance ímpar na vida de um estudante, ou seja, um programa de excelência. Fazemos parte do subprojeto "Formação de professores: trabalhando a diversidade na escola" que, ao novo ver, possui um tema bastante pertinente aos novos caminhos que a educação nacional deseja alcançar e, ainda, visa trabalhar com o dia a dia da diversidade no ambiente escolar.

Reforça Paulo Freire quando diz que,

> A força do educador democrata está na sua coerência exemplar: É ela que sustenta sua autoridade. O educador que diz uma coisa e faz outra, é eticamente irresponsável, não só é ineficaz: é prejudicial (2001, p.73).

Entrar em uma sala de aula conhecendo o tamanho de sua responsabilidade é profundamente intimidador, inclusive para alguns estudantes até assustador. Os cantores e atores costumam afirmar que ao subir no palco sentem um "frio na barriga". É assim que nos sentimos a cada vez que entramos em sala de aula. Questionando os coordenadores e supervisor do subprojeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, bem como, os professores e supervisores de estágio da graduação da UNIUBE, descobrimos que este sentimento sempre existirá, podendo até diminuir com a prática, e esse sentimento faz parte do estímulo que temos para desenvolver nosso trabalho a cada dia. O professor que perde esta sensação, já não encontra a alegria necessária para explorar o mundo do desenvolvimento e seus aprendizados.

Assim, reconhecemos nosso sentimento quando Rubens Alves diz:

> Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança (2006, p.16).

Além de novas descobertas sobre o processo educacional, ainda nos lembramos da primeira reunião em que participamos do PIBID na qual discutimos sobre o perfil do profissional da educação, a postura, a responsabilidade e o compromisso com o grupo. São princípios inegáveis para a vida em sociedade, porém, muitas vezes, passam despercebido para a maioria das empresas, escolas, famílias e comunidades.

Enquanto grupo, sentimos a necessidade de uma formação a respeito do relacionamento interpessoal, assim, nossas coordenadoras convidaram a professora e mestre em Educação e doutorado em Psicologia, Antônia Terezinha da Silva, que conversou com o grupo sobre "Diversidade e as relações Humanas". Foi um momento de grande valor, pois evidenciou a importância da proposta do subprojeto.

Ainda sobre as relações humanas nos questionamos se, realmente conseguimos desistir do nosso egoísmo natural para ouvir o outro? Colocando em prática a teoria desta formação aprendemos que devemos estar atentos às pessoas e situações, nos diversos contextos, para formarmos uma opinião e, caso seja necessário, agir com mais humanidade e bom senso. A professora ainda enfatizou o quanto é importante estarmos imbuídas de bons pensamentos e bem intencionadas para que possamos realmente ajudar alguém. E tudo pode começar

simplesmente com um sorriso no rosto e uma vontade sincera em crescer como pessoa e como profissional.

Para Fleuri (2006), compete aos educadores à criação de estímulos que ponham em evidência as diferenças e a partir do confronto das diferenças é que devem ser desencadeadas as ações.

Apresentamos a foto a seguir para ilustrar a atividade da formação “Diversidade e as relações Humanas”.



Figura 1: Formação “Diversidade e as relações Humanas”.
Fonte: Acervo dos autores.

A teoria é uma fonte de conhecimento necessária, como foi colocado, mas a prática amplia o conhecimento. Durante algumas aulas realizadas no ano passado, pois iniciamos os trabalhos do subprojeto em 2014, sentimos dificuldade no espaço tempo que deveríamos desenvolver as atividades e no controle de classe. Após discutir e refletir sobre o assunto nas reuniões conseguimos compreender e concluir que o tempo em sala de aula deve ser mediado pelo professor, mas que esse tempo não é definitivo porque o professor não direciona o aluno ao aprendizado pleno sem que o mesmo acomode e assimile, como expressa e nos direciona Jean Piaget em suas teorias.

Resumidamente, é um jogo de percepção em que se sente que tal assunto precisa ser mais trabalhado ou já terminou. É como se nós pudéssemos constatar, durante um período, o que as crianças compreenderam do tema trabalhado, seja por uma conversa com elas, delas com os colegas, ou mesmo por um desenho ilustrando o assunto trabalhado. Então, é preciso “dar tempo ao tempo”, literalmente. Tal sistemática nos encaminha novamente a

responsabilidade de ensinar por meio das várias linguagens e estimulações e, a mediação dos saberes realizada pelo professor/educador, colaborando para o crescimento e desenvolvimento dos alunos, transformando as aulas em momentos prazerosos e de grande possibilidade de aprendizagem e potencializando o seu crescimento de forma consciente, responsável, ética e tolerante.

Por outro lado podemos perceber que cada classe tem um perfil e cada aluno tem uma forma de ver as coisas, já que somos capazes de aprender a vida toda e em diferentes situações e ambientes. Para uma criança pode ser suficiente um olhar para que se comunique e, para outra criança será necessário sair da sala e conversar individualmente, dando-lhe uma atenção que provavelmente ainda não teve. Também é verdadeiro que a responsabilidade do professor é grande em sala de aula, seja para cumprir com o planejamento ou para sanar diferentes dúvidas e obstáculos da docência. Por isso, é fundamental que esse profissional tenha competência suficiente para exercer sua função com excelência, com dedicação e responsabilidade.

Neste caso aprendemos que cada professor também encontra o sua maneira própria de agir, o que nos remete ao tema deste subprojeto que é trabalhar com a diversidade. Percebemos essa diversificação na forma como cada pibidiana direciona a atividade, conduz a turma e percebe seu progresso e retrocesso. Mesmo sendo orientadas pela professora supervisora e pelas professoras coordenadoras, que já possuem certa experiência na área da educação, percebemos o quanto somos diferentes delas, principalmente em termos de preferência pelas atividades desenvolvidas, pois umas preferem mais a contação de histórias e outras têm predileção às artes, como também encontramos entre nós quem tem prefere à oratória.

Nesse sentido, Mantoan enfatiza que:

> [...] temos então, de reconhecer as diferenças culturais, a pluralidade das manifestações intelectuais, sociais e afetivas; enfim, precisamos construir uma nova ética escolar, que advém de uma consciência, ao mesmo tempo individual, social e, porque não, planetária. (2003, p. 33)

A oportunidade de refletir e trocar ideias colaborou para que visualizássemos que cada turma tem sua característica própria e necessidade, e cada criança traz em sua bagagem algum conhecimento e que pode contribuir com o desenvolvimento da aula. Constatamos que

o planejamento de uma aula precisa ser bem elaborado, para que possíveis dificuldades e ocorrências ao longo do processo não atrapalhem alcançar o seu objetivo e, sim, que possam ser superados, de forma que contribua tanto para o aluno como para o professor, reciprocamente. Do mesmo modo, descobrimos como é importante ouvir cada aluno na atividade da roda de conversa, pois sabidamente nesta fase de pré-alfabetização eles querem falar e não conseguem esperar o colega terminar ou dar a vez para o outro. Fato este que também é um rico aprendizado para as crianças, pois se sentem importante em expressar seus sentimentos e, ao ouvir o colega, também aprendem coisas novas.

Até o ano passado, uníamos o planejamento da supervisora da sala com o nosso, explorando a diversidade em sua amplidão. Neste ano, dentre os temas a serem trabalhados pela supervisora, estamos explorando a diversidade por meio de atividades com o uso de diferentes linguagens. Elaboramos planejamentos de aula embasados em livros de histórias infantis, o uso de diferentes materiais, entre outros.

E, logo após, explorando o que já conheciam sobre este mundo ou o que entenderam sobre ele, ficamos atentas para escutarmos cada dos alunos. A criança não possui o chamado filtro social para lhe dizer que tal coisa não deveria ser dito. Neste momento, descobrimos muitas coisas boas e desagradáveis que acontecem com elas. Um dos temas que apareceram neste período foi à violência doméstica, às vezes por se tratar de uma comunidade mais carente de afeto, atenção e informação.

Dentre os momentos que marcaram positivamente foi a contação de história do “O Patinho Feio”. A história possui uma carga educacional rica por ter um patinho diferente dos demais, que encontra dificuldades para ser aceito dentre sua comunidade. A história foi contada por meio de um avental, utilizando de personagens da história feitos em feltro. Mesmo para a criança que já escutou a história, foi como se ouvissem pela primeira vez. Foi relevante ver o lamentar triste de um aluno ou a solução dada por outra aluna para o desespero do patinho, que se encontrava sozinho e abandonado. A história encanta e, a partir dela, pudemos trabalhar o tem do subprojeto de forma lúdica e prazerosa.

Raimundo Dinello nos ensina que:

> A educação infantil tem como finalidade completar a educação familiar, atender à necessidade do próprio desenvolvimento da criança e integrar uma expressão

> sóciocultural que, por certo, favorece as bases das aprendizagens sistematizadas dos ciclos posteriores (2007, p.81).

Também trabalhando com a contação de história no tema folclore, o livro explorado foi "Bruxa, Bruxa, venha a minha festa" de Arden Druce. A história conta que a Bruxa fará uma festa, mas a cada convite feito o convidado pede para ir mais um conhecido, tornando uma festa diversificada. Portanto, mais uma vez exploramos a diversidade por meio da contação de histórias.

O resultado desta atividade foi bastante positivo e nosso objetivo foi atingido. Por mais que houvesse o esforço para a bruxa ficar horripilante, assim que entramos na sala de aula encontramos sorrisos e um ar de desafio em cada olhar. Nos desenhos do registro não havia bruxa feia ou só de preto, havia muita cor e criatividade. As crianças criaram uma identificação com a bruxa e faziam questão de mostrar o desenho a ela, ficando nítido que elas já estão conseguindo diferenciar a realidade do imaginário. No final do livro a personagem Chapeuzinho Vermelho só aceita ir à festa se as crianças forem, então perguntamos se iriam à festa da bruxa e, todos disseram que sim. Também ouvimos das crianças que estavam dispostas a ir para casa da bruxa. Ao término da atividade confeccionaram uma vassourinha feita de cordão e palito de picolé, para que pudessem colar no caderno, juntamente com o desenho feito e, registrar sua atividade.

Nesse sentido, nos assevera Lowenfeld e Brittain que:

> A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação. Desenhar, pintar e elaborar obras de arte, são ações que constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar interpretar e reformar esses elementos, a criança manifesta suas características, a forma como pensa, como sente e como vê a si mesma, os outros e o mundo (1970, p. 13).

Para ilustrar nossa fala, a seguir exibiremos uma fotografia de uma das apresentações em sala de aula:



Figura 2: Atividade em sala de aula.
Fonte: Acervo dos autores

Durante as aulas observamos que toda criança é única e tem seus próprios anseios. Em uma das atividades sobre o livro "O Bairro do Marcelo" de Ruth Rocha, exploramos a diversidade das lojas/comércios e, consequentemente, a diversidade das profissões. As pibidianas estavam selecionando as crianças para serem bancários e, por isso, foi perguntado o que eles gostariam de ter como profissão. Devido à idade, muitos não souberam responder e para ajudar comentamos as profissões dos pais deles, vizinhos e parentes.

Duas das crianças quiseram ser princesas, demonstrando que acreditavam na existência da princesa do gelo do filme Frozen. Na ocasião, falamos que princesa não era uma profissão. Em seguida, percebemos a desilusão das meninas. Uma das pibidianas disse, então, que seriam atrizes e fariam o papel de Elsa (a personagem principal do filme Frozen) e, atriz é uma profissão. Foi como se tivéssemos salvado o dia. A professora pode fazer a diferença na vida da criança e nunca deve acreditar que é a dona da verdade. É preciso praticar a humildade. Todavia, gostaríamos de ser exemplos para os alunos, especialmente de caráter.

O PIBID é um programa que propicia desenvolver propostas de atividades enriquecedoras para a prática em sala de aula, como citamos algumas das atividades realizadas por esse subprojeto, assim, algumas atividades podem parecer simples para um professor que está a mais tempo na sala de aula, mas estamos certas que esta oportunidade é de suma importância para nós, que estamos começando. Participar do programa com certeza fará a diferença em nossa vida enquanto profissional e pessoa.

Referências

ALVES, Rubens. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

DINELLO, R.A. **Expressão Ludocriativa**. 1939. Tradução Luciana Faleiros C. Salomão. Minas Gerais, Ed. Ver – Uberaba: Universidade de Uberaba, 2011.

FLEURI, R.M. **Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais**. Disponível em: WWW.ced.ufsc.br. Acesso em 28/08/15.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 6ªed. São Paulo, SP: Olho D´água, 2001.

LOWENFELD, Viktor. BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003 (Col. Cotidiano escolar).